



*IMPERIAL MARINHEIRO*

**Cruzador**

**Incorporação:** 26 de novembro de 1884.

**Naufágio:** 7 de setembro de 1887.

Navio de construção mista (madeira e ferro) e também de propulsão mista (vela e vapor), armado em Galera, construído nos Estaleiros da Ponta d'Areia, Niterói, RJ, sob planos e direção técnica do Primeiro-Tenente João Cândido Brasil. Sua quilha foi batida em 11 de agosto de 1882, lançada ao mar em 20 de junho de 1883 e Mostra de Armamento em 26 de novembro de 1884, recebendo o distintivo numérico 17.

O primeiro navio da Marinha do Brasil a ostentar este nome, foi um navio de madeira e propulsão a vela, de 623 t, construído no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, sob os planos e fiscalização do Engenheiro Naval Napoleão J. B. Level. Foi lançado ao mar em 27 de agosto de 1851 e classificado como Corveta. No dia 24 de janeiro de 1865, sob intenso temporal, ensacou-se e naufragou na restinga da Marambaia no Rio de Janeiro, sem perda de vidas.

A Galera *Imperial Marinheiro* possuía as seguintes características: 726 t de deslocamento; 65,12 m de comprimento; 50,63 m de comprimento entre perpendiculares; 8,46m de boca; 4,27 m de pontal; 3,05 m de calado à vante; 3,35 m de calado à ré; máquina a vapor, tríplex expansão, 750 HP de potência total, uma chaminé, um hélice e 10 nós de velocidade máxima; sete canhões de calibre 32 e quatro metralhadoras.

Foi seu primeiro comandante o Capitão-Tenente José Victor De Lamare.

Passou a comandá-lo em 1885, o Capitão-Tenente João Carlos Pereira Pinto. No dia 5 de setembro de 1887, partiu para o Rio de Janeiro, em Comissão da Repartição Hidrográfica, a fim de sondar o banco Marajó nos Abrolhos. A uma hora da madrugada do dia 7 de setembro de 1887, naufragou na ponta Sul da Barra do Rio Doce, na Província do Espírito Santo. No sinistro pereceram 14 pessoas de sua tripulação: Segundo-Tenente Trifeno de Oliveira, Guarda-Marinha Francisco de Paula Mello Alves, Terceiro Maquinista Américo Brasília da Silva, Quarto Maquinista Ildefonso Machado Dutra; praticantes de máquinas



## Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



Francisco Dias Braga e Frederico Cândido de Andrade; Imperiais Marinheiros Francisco Segundo, Roque Lúcio, Américo Soares Lobo, Pedro Felício, Inácio Pereira; foguista contratado Francisco Xavier Estevão; taifeiros Agostinho e José Alves Ferreira. Salvaram-se 117 pessoas, das quais 92 eram praças do Corpo de Imperiais Marinheiros, com a ajuda providencial do pescador Bernardo José dos Santos, conhecido como Caboclo Bernardo que, a nado, conseguiu conduzir um cabo até o navio possibilitando o salvamento dos náufragos.

Pelo Aviso do dia 20 de setembro, mandou-se à Contadoria da Marinha abonar, como gratificação, aos oficiais da Armada e classes anexas, náufragos do Cruzador, a importância correspondente a seis meses de soldo.

Por sentença do Conselho Supremo Militar de Justiça, de 10 de dezembro de 1887, foram condenados o Capitão-Tenente João Carlos da Fonseca Pereira Pinto, Ex-comandante do navio, a dois anos de suspensão de comando; e o Segundo-Tenente Alfredo de Azevedo Alves, Ex-oficial do mesmo cruzador, que era Encarregado da Navegação, a seis meses de prisão; o Segundo-Tenente Alípio Mursa, oficial de quarto na ocasião do naufrágio, foi absolvido.

O pescador Bernardo José dos Santos que auxiliou abnegadamente o salvamento de grande número de pessoas, foi recebido em Vitória e no Rio de Janeiro com muito carinho e festejos. O Governo Imperial condecorou-o com uma medalha humanitária. O Furriel Imperial Faustino José Pedro, o Mestre do navio João Roque da Silva e o segunda-classe Imperial Marinheiro Manuel Francisco da Silva, pelos serviços prestados, também foram galardoados pelo Governo.